



Director literario:

Augusta Gonçalves Costa
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Colla
PAPUSSE

A Visão de Noël

por Augusta Gonçalves Costa

ilustrações de E.O.



NOÉL, era um menino inteligente e aplicado. Dotado de muito bom coração, era estimado por todas as pessoas que de perto o conheciam. Criado num meio bastante elevado, pois era filho dum titular, ele não desdenhava privar com os seus discípulos ainda os mais humildes.

Quando começa esta narração, saía Noël do colégio, em goso das férias do Natal. Ia radiante, porque a sua avó padiana, para a sua avó padiana,

terna, o convidára, a ir passar esta época no seu castelo na Bretanha. Seus pais, retidos na cidade, por uma festa de caridade a que não podiam faltar, deixavam-no seguir viagem, acompanhado por sua antiga aia. A estação do caminho de ferro mais próxima que distava do velho solar, foi esperá-lo um coche do castelo, com dois criados.

As primeiras horas, decorreram sem incidentes, mas, ao cair da noite, uma tempestade de neve os surpreendeu, a ponto de ser difficilissimo os cavalos seguirem. De subito, pararam e o cocheiro, verificando do que se tratava, aproximou-se da portinhola e disse: — «Senhora Josefina, é impossivel continuarmos a viajar. Um cavallo desferrou-se, as rodas atascaram-se na neve e conveço-me de que, enquanto não deixar de nevar, será inutil tentar continuar a jornada».

Josefina, muito aflita, respondeu: — «Valha-nos Deus! A senhora marquezia que esperava passar a noite do Natal com o menino Noël!» Então, Luís interveiu, perguntando: — «Vamos passar a noite aqui na estrada?...» — «Isso não menino Noël. Aqui perto, vejo uma casinha de regular aparência onde, decerto, nos darão hospitalidade».

Josefina, muito apouentada, desceu do carro, acompanhada do rapazinho, envolto em abafos e seguidos do criado dirigiram-se à pequena casa, situada à beira da estrada e onde, através as frinchas das portas, se divisava luz.

Luís bateu à porta e, aberta esta, appareceu no limiar uma mulher nova vestida de preto, que, ao facto do ocorrido, respondeu com modo triste mas afável:

— «Sejam bemvidos! Só lamento ser fraca a hos-



pitalidade, mas creiam que lha ofereço com a maior boa vontade».

O pequeno Noël e a sua aia, entraram numa vasta sala, onde, a um canto, havia um grande fogão sem lume e que a hospedeira se apressou a acender.

Ao vêr entrar os visitantes, levantou-se duma cadeira onde estava assentada, uma linda criança, cujos olhos negros fitaram os visitantes com curiosidade e que, ao verem o menino, se alegraram.

Enquanto sua mãe preparava uma ligeira refeição aos seus hóspedes, aproximou-se de Noël e perguntou-lhe: — «quem és tu e como te chamas?...»

— «Chamo-me Noël, minha pequenina, e (sentando-a nos joelhos, perguntou-lhe por sua vez): e tu como te chamas?»

— «Eu sou Natália da mamã e faço 5 anos esta noite, pois trouxe-me um menino Jesus».

— «Tem graça, (respondeu-lhe o pequeno), eu faço 12 amanhã!»

Natália batendo as palmas, desatou a rir ás gargalhadas. Mas, de subito, pôs-se muito séria. — «Eu a rir e a mamã tão triste!»

Continua na página 3



MESTRE JOSÉ CARPINTEIRO

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Esboçeto de EDUARDO MALTA

MESTRE José, carpinteiro, o seu Menino Jesus
à porta do seu tugúrio, que entre uma auréola
sôb o murmúrio de luz,
das aves sorri para a Virgem Mãe.

que, docemente, suaves,
vão de poleiro em poleiro,
e entre as traves
dum madeiro,
que aplaina, serra, batuca,
o dia inteiro
trabuca
sem descansar um momento.

Pertinho, a Virgem Maria,
ouvindo o brando lamento
duma pipilante alvéola
pousada na ramaria,
distrain, diverte, entretém

Entanto, por longes terras,
vales, montanhas e serras,
ressôa,
ecôa,
rebôa,
como estranha profecia,
a grande nova imprevista
que João Baptista
anuncia:

— «É nascido o Rei dos reis,

*o Impêrador
das almas,
que, entre louros e palmas
e espinhos e abrolhos,
ditará novas leis
à Humanidade!
Abri-vos olhos
ao sentido
profundo
da Verdade!
É já nascido
o Salvador
do mundo !!»*

Das regiões
vizinhas,
acorrem multidões,
legiões

de ouvintes,
escravos, servos, pedintes,
desamparadas alminhas,
oprimidas
pelo desígnio acerbo
do Destino,
e atraídas
pelo condão divino
do seu fecundo
Verbo:
—«É já nascido o salvador
do mundo!»

por um divino
mensageiro aviso,
ante o sorriso
do menino,
choral

Em seu rosto inocente,
uma lágrima rola
como gôta de orvalho
à luz da Aurora!
Perto arrulha uma rôla,
continuam saltando os passa-
rinhos

giram, ao longe, as velas dos
moinhos...

Erguendo o olhar aos céus,
Nossa Senhora
ora
agora:
—«Louvado seja Deus!...»

Mas já, findando a prece,
súbito a Virgem Santa,
inda chorando, canta
uma canção que enternece!...

galho em galho,
prossegue S. José em seu E, enquanto a Virgem canta,
trabalho... o Menino adormece.

Maria,
todavia,
já sciente
da estranha profecia

■ F I M ■

A VISÃO DE NOEL

Continuação da página 1

Noél reparou na fisionomia dolorida da mãe da pequena e perguntou-lhe baixinho: — «E porque chora a tua mamã?...»

Natalinha recostou a cabecita de lindos caracóis louros, ao peito do rapazinho e disse-lhe misteriosamente: — «O papá foi para muito lon... on... on... ge e já não volta e um homem mau, quer tirar-nos a nossa casinha e a mamã não tem para onde ir comigo e chora muito».

O pequeno comovido, compreendeu que um drama se

desenrolava na pequena habitação, onde, acidentalmente, viera passar a noite de Natal.

Esqueceu, então, a máguia com que ali entrara, a sua alegria em ir passar as férias ao castelo de sua avó, a festa que ali o esperava, a missa na capela do solar, a árvore do Natal e os seus folguedos nas âleas do frondoso parque, tudo, momentaneamente olvidou, para pensar na linda

Continua na página 8





HISTORIA DUM ANJO

Por GAROTA ENDIABRADA

Desenhos de ED. MALTA

Foi num lindíssimo dia de Maio, que se passou o que vou tentar escrever fielmente, quero dizer, reproduzir o melhor possível, o encantador espectáculo a que assisti. Estava num delicioso jardim, admiravelmente tratado e cuidado, que revelava pertencer a uma família distinta e rica.

A um lado, num formosíssimo cenário de lenda, extraordinariamente belo, encontravam-se duas crianças idealmente lindas e quâsi da mesma idade.

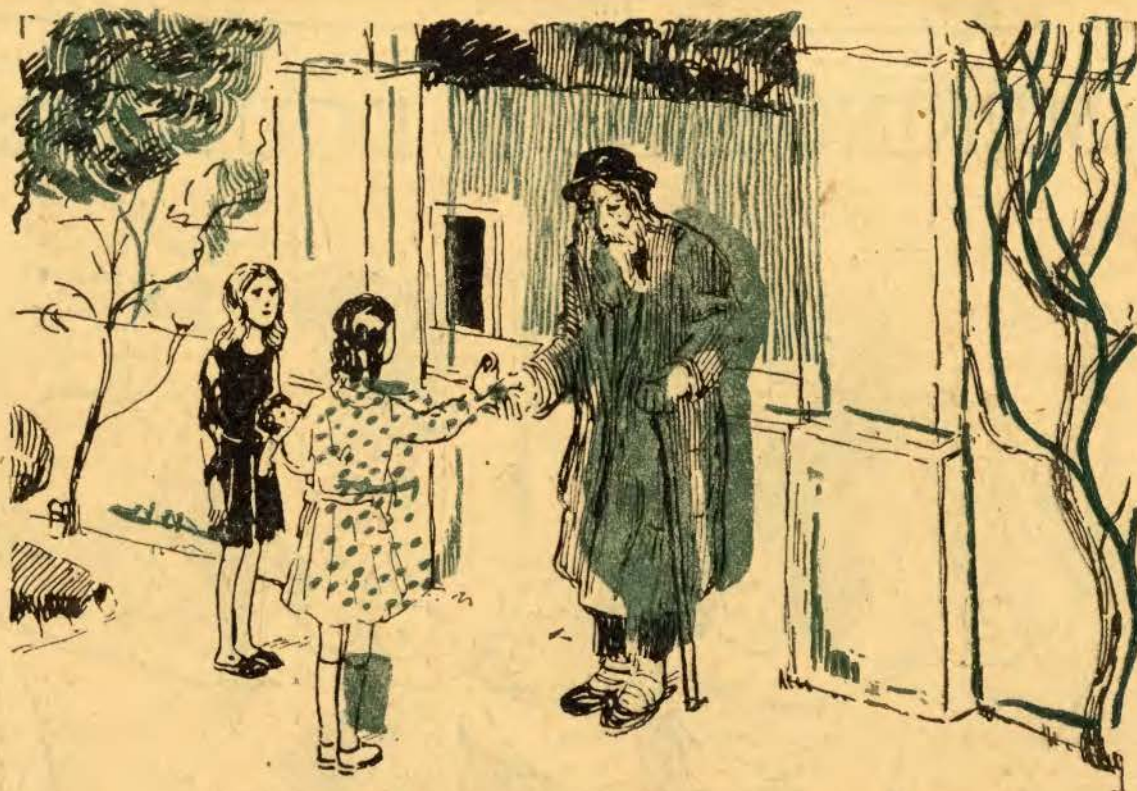
Mas que diferença entre as duas!

Uma estava ricamente vestida, de lindo fatinho côr de rosa, enfeitado a preciosas rendas, que mais azia realçar o encanto do seu corpo gracil de

garota e a extraordinária vivacidade, altiva e arrogante, dos seus olhos negros admiráveis, profundos! Os cabelos pretos em grandes caracois, completavam o conjunto de veras gracioso do seu rosto, e davam-lhe o ar de pequena rainha, obedecida e respeitada.

Se reparassemos, porém, na outra criança, maior seria ainda o nosso assombro e admiração!... Era lindíssima! Magra e pálida, lábios trémulos exangues, tinha, a-pesar-de tudo, um rosto que atraía irresistivelmente. Divinalmente branca, de feições, correctíssimas e impecáveis, nesta criança havia qualquer cousa de etéreo, de muito puro,





que a fazia paracer quási uma aparição de um conto de fadas! Andrajosa, quási nua, a pobresinha era, todavia, um encanto! No rosto meigo e delicado, lindos olhos azuis, inocentes, afectuosos, e, a rodea-la, fulgurantes cabelos loiros que lhe caíam em madeixas livres sobre os ombros.

Brincavam as duas,

Julietta, a menina rica, encontrava, por acaso, a pobre, no jardim, e entretinha-se mostrando, vaidosa, uma lindíssima e enorme boneca com que o pai a brindara no dia dos anos.

— «Vês como é linda — (dizia). E' minha. E tenho muitas mais; quási chego a aborrecer-me de tantos brinquedos...» Entretanto, a pobre olhava-a com grandes olhos húmidos, espantados, e exclamou:

— «Quem me dera ter uma assim!»

— «Tu?! — (gargalhou a outra) — uma boneca destas para ti! E's tonta!... Vê que não passas duma mendiga» — disse desdenhosa. A pobre, envergonhada, curvou a formosa cabeça e uma lágrima triste rolou, então pelas suas faces, pálidas, de rara belesa.

Entanto... uma cousa lhes chamou a atenção. Um velho, pedinte passou por elas e estendeu a mão a Julietta. Vaidosamente, a pequena tirou da sua malinhá de prata, uma moeda que deu ao velhote, ao mesmo tempo que, sorrindo, irónica voltando-se para o póbresinho, dizia:

— «A nós, ricos, ainda nos é dado o prazer

de dar esmolos, ao passo que vocês, os pobres, nada podem dar...»

Sorriu levemente a criança pobre; num gesto meigo, chegou-se ao velhinho e, carinhosa, envolveu-o num grande abraço, numa carícia, dizendo:

— «Deixe-me abraçá-lo, meu irmão!» Os olhos do velho encheram-se de lágrimas e estreitou, como vidamente, aquele anjo que lhe dera muito, mas muito mais, de que a orgulhosa menina! Oh! quanto mais agradecia ele aquele meigo afago, de suave amisade, de que a moeda que recebera!

Entretanto, Julietta olhava aquela scena, muda de espanto, e comprehendera, em fim, que os pobres também teem uma consolação: a de se amarem uns aos outros! Vagarosamente, envergonhada de si própria, retirou-se mas deixou delicadamente no regaço da pobre a boneca desejada.

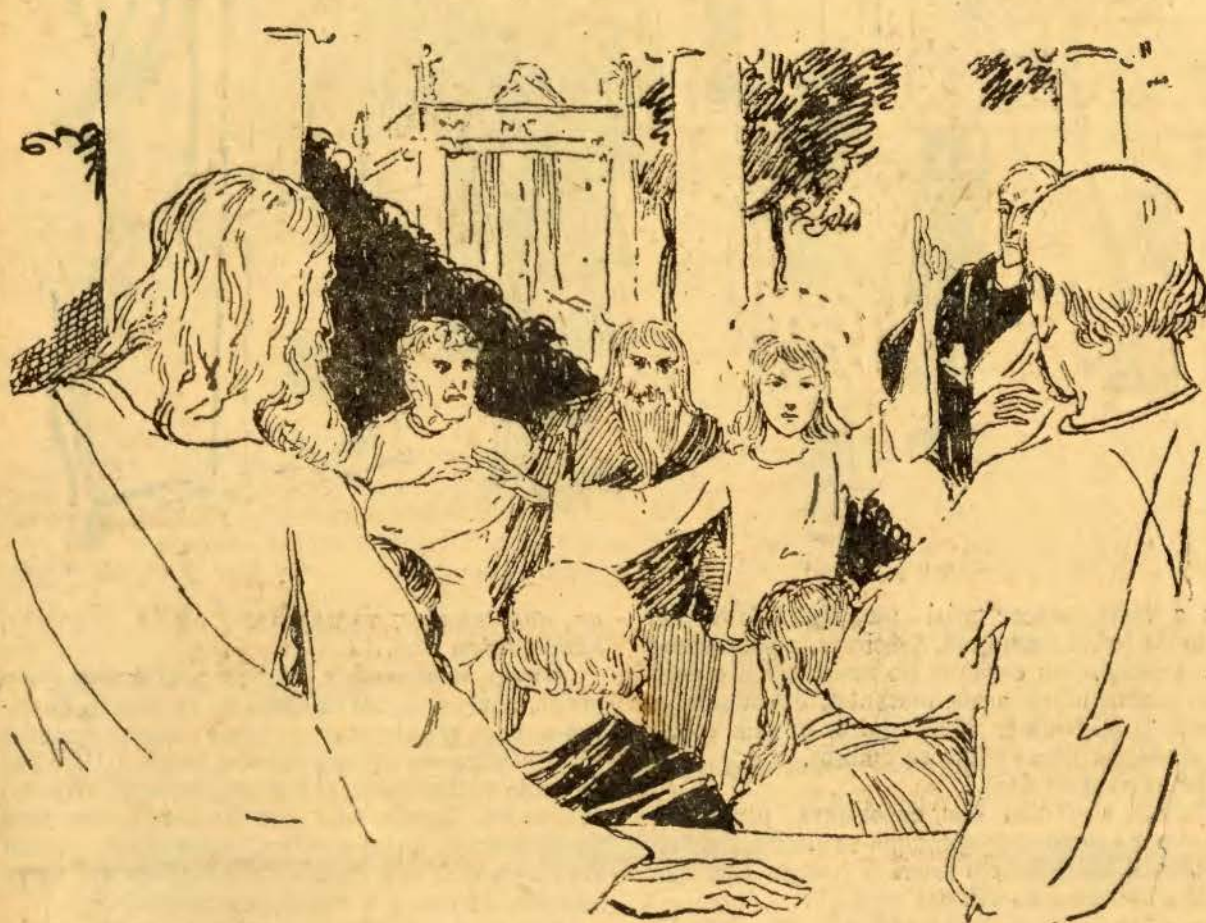
Desde esse dia, Julietta tornou-se uma excelente aluna e o seu coração soube, finalmente o que era a maior satisfação: a Caridade. A seu pedido, os Pais recolheram a criança pobre de quem se tornou muito amiga, e ainda mais tarde, já mulheres, recordavam aquele lindo dia de Maio que as tornara tão felizes a ambas.

Devo-te tudo, todo o meu bem estar — (dizia a que fôra pobre, reconhecida).

— «Não, meu anjo, repara: a ti é que eu devo toda a minha Felicidade, porque me mostraste a bondade de ama e o amor e o carinho que devemos ao próximo.

F I M

O MENINO ENTRE OS DOUTORES



Por AUGUSTO SANTA-RITA

Esboçeto de EDUARDO MALTA

NUM importante concílio
de sábios na antiga Hebréia,
onde se versava, então,
—(aguardando o belo auxílio
duma inspiradora idéa) —
a justa interpretação
de obras de Horácio e Virgílio,
entrou Jesus certo dia,
nos áureos tempos da Infância,
fustando-se à vigilância
da Santa Virgem Maria.

Os trinta douts talentos

com suas togas de sábios,
suspensos dos próprios lábios
expunham seus argumentos,
nem reparando sequer
na indiscrição do Menino
que embora com muito tino
mal ainda sabia ler.
Subitamente, porém,
o filho da Virgem Mãe,
subindo acima dum banco,
as atenções despertou
e num eloquente arranco
de inspiração discursou.

Falou,
orou
meia hora,
como se fora
formado
e houvesse já consultado
os fólhos dos alfarrábios.
Surpreendidos os sábios
por tão precoce eloquência,
rendidos ao seu prestígio,
curvaram-se em reverência
ante o Menino-prodígio.

F I M

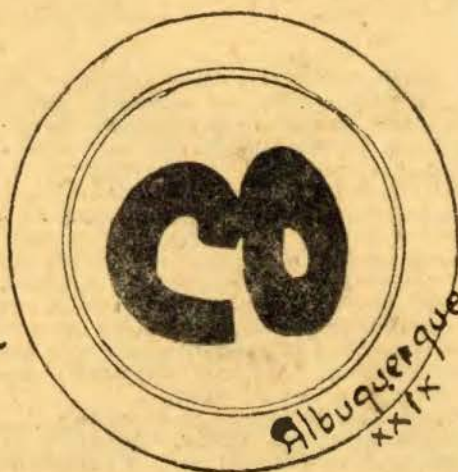
PALAVRAS CRUZADAS

HORA DE RECREIO

12	1	6	1
R	A	M	A
2	10	9	2
I	U	A	M
3	7	8	3
O	T	R	A
13	11	4	4
T	O	O	N
1	A	1	5
8	6	5	1
O	R	O	D
14	12	10	6
O		O	O

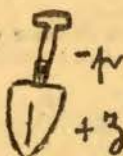
SOLUÇÃO DO ANTERIOR

1 2 3 4 5 6



ADIVINHA:
—Juntara terminação 'CO' uma sílaba de maneira a formar sinónimos das seguintes palavras:

1—boca das aves. 2—bocado de loiça 3—ave. 4—bocado de pão. 5—forma do verbo ficar, 6—fogacho que se acende de noite para servir de guia aos marinheiros.

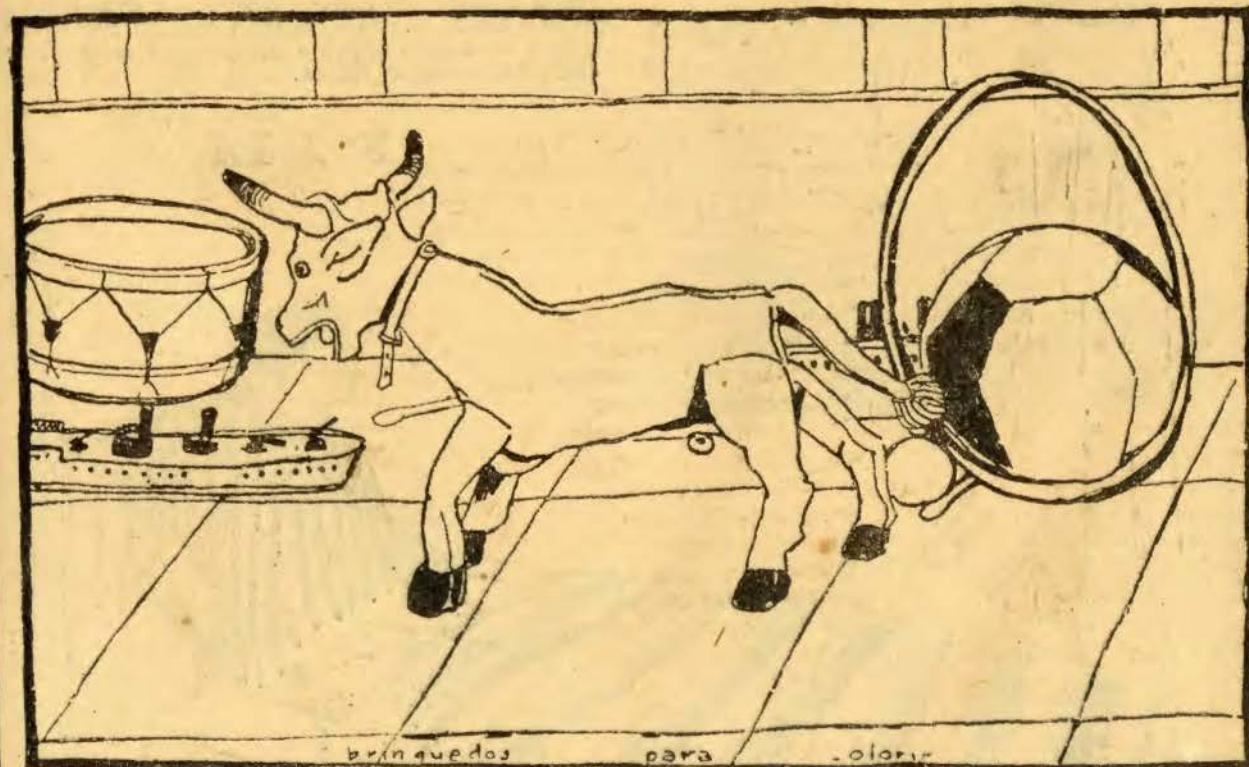


E

~ - +
+ N



SOLUÇÃO DA ADIVINHA ANTERIOR:
1—lar
2—mar
3—par
4—dar



brinquedos

para

colorir

■ ■ ■ A VISÃO DE NOEL ■ ■ ■

(Continuação da 3.^a página)

criança que o prendia, com as suas meigas carícias e o seu sorriso de anjo, no drama, enfim, que pressentia.

Quando, mais tarde, no melhor quarto, Josefina lhe preparava a toilette nocturna, perguntou-lhe: «Fifina, porque é tão triste a nossa hospedeira?»

— É uma história bem dolorosa, meu menino. A pobre criatura, via aqui muito feliz, até que uma implacável doença atacou o marido. O tratamento levou-lhe todos os recursos, tendo, por fim, de contrair uma dívida, que aumentou com a despesa do funeral, pois o pobre rapaz, acabou de sofrer há dois meses. Agora o credor, que lhe cobriza a casinha com o seu jardim e a getra de terra que a rodeia, exige o dinheiro porque sabe que ela o não tem, e amanhã o lelloaço tuao isto e a desventurada irá com a filhinha para a rua.

— «Dize, quanto é a importância da dívida?»

— «São perto de quatro mil escudos, menino».

Pouco depois, Noël na humilde caminha, pensava na narração de Fifina e aquela importância, dançava-lhe no pensamento. Era, precisamente, a quantia que seu pai lhe oferecera, em recompensa do seu bom comportamento escolar, para comprar um cavalo para os seus passeios. Levava-a consigo, para o palafreireiro do castelo se encarregar dessa missão. E lembrava-lhe a alegria daquela infeliz se lhe desse o seu dinheiro, mas a mágoa por perder o seu cavalo, fazia-o hesitar.

Nisto, uma claridade estranha, inundou o quarto e Noël viu junto do seu leito, um menino, de faces pálidas e fei-

ções lindas. Uma túnica branca, cobria-o até aos pés descalços e os cabelos, castanhos claros, caíam-lhe sobre os ombros, tendo a cabeça rodeada por uma auréola de luz. Numa voz de timbre suave e de doce encanto, disse: — «Noél, no teu coração há tesouros de bondade, o teu pensamento hesita entre o bem e o mal. Segue o bem, que só ele te dará felicidade. A criancinha que dorme, além, precisa da tua protecção: dá-lh'a e sentirás a profunda alegria, que o teu capricho nunca poderia trazer-te. Se sempre bom, generoso e grande e eu te compensarei».

Noél, ao princípio surpreso, sentou-se na cama e, ouvindo estas últimas palavras, estendeu as mãos à linda visão, mas já esta desaparecera: contudo o resplendor que rodeava a cabeça angelical do Menino, lá estava e o quarto continuava inundado de luz. Então, o rapazinho dominado por extraordinária comoção, saltou da cama, pegou no casaco de peles, tirou duma algibeira interior a sua pequena carteira de monograma dourado e, de dentro desta, quatro notas de mil escudos. Dobrou-as muito bem e, saindo do quarto, desceu uma pequena escada, entrou na sala do rés do chão.

Na lareira, quasi extinta, estava o sapatinho de Natália. Introduziu-lhe dentro as notas dobradas e voltou pelo mesmo caminho, guiado pela luz que iluminava o quarto, e levando na alma uma infinita alegria.

Quando já na cama tentava dormir, um beijo, tão leve como um ósculo da brisa e tão doce como uma carícia materna, lhe pousou na fronte.

No outro dia, nos braços da sua avó, contava à boa senhora tudo o que lhe sucedera e a excelente marquez, dizia-lhe entre carícias:

— «Fizeste bem meu filho, porque os filhos dos ricos devem ser a providência dos pequeninos pobresinhos. Eu encargo-me de terminar a tua obra, Natália e sua mãe ficam sendo minhas protegidas».

E lá ao longe na casinha da estrada, Natalinha admirava-se do Menino Jesus lhe ter dado só papéis, mas a pobre mãe, ajoelhava, agradecendo a Deus a sua infinita providência e grande misericórdia. E no Céu, o Deus Menino, no seu trôno de luz, dizia aos anjos da guarda: — «Guardai sempre o nequeno Noél e a sua pequena amiga, pois quero que eles sejam felizes!»

F I M

